

**A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver
a expressão e a interação orais**

Margarida Isabel Melo Gaspar

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Português e de
Línguas Clássicas no 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário ou
de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário**

Setembro, 2014

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário ou de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Carlos Ceia e do Professor Auxiliar Convidado, Doutor Alberto Madrona Fernández.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha orientadora, Dra. Isabel Maria Pereira Costa, pela amizade, por todo o apoio que me deu para que eu fizesse um trabalho de qualidade e por tudo o que me ensinou e que, com toda a certeza, me ajudará a ser uma boa profissional. Agradeço ao Professor Doutor Alberto Madrona Fernández pela simpatia, pela boa disposição com que nos recebia, pela imensa disponibilidade que sempre apresentou e pelo incansável trabalho na orientação deste relatório. Agradeço ainda ao Professor Doutor Carlos Ceia pela ajuda na melhoria do trabalho final e, por fim, não quero deixar de agradecer ao meu marido pelo ânimo que me transmitia quando, por vezes, o desalento se apoderava de mim e me apetecia desistir. Obrigada, este trabalho também é o resultado da força, da confiança e do apoio que depositaram em mim.

A DRAMATIZAÇÃO NA SALA DE AULA COMO RECURSO PARA DESENVOLVER A EXPRESSÃO E A INTERAÇÃO ORAIS

Margarida Isabel Melo Gaspar

[RESUMO]

PALAVRAS-CHAVE: dramatização, expressão oral, interação oral, motivação, atividade lúdica.

O presente relatório visa, num primeiro capítulo, descrever em que medida as atividades de dramatização podem desenvolver e melhorar a competência comunicativa nas aulas de língua, neste caso Português língua materna e Espanhol língua estrangeira. Para isso, parte-se da definição de dramatização, analisando-se a importância da aquisição da competência oral em língua estrangeira. Abordam-se as dificuldades que apresentam os discentes para se expressarem oralmente e incide-se sobre o papel do professor e dos alunos na realização desta atividade. No segundo capítulo, faz-se uma apresentação do Agrupamento de Escolas de José Relvas – Alpiarça, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada e uma caracterização da turma em que foram lecionadas as aulas práticas. Por fim, apresenta-se e reflete-se sobre as atividades de dramatização que foram desenvolvidas durante a leção.

[ABSTRACT]

KEYWORDS: dramatization, oral expression, oral interaction, motivation, recreational activity.

This report aims, in the first chapter, to describe how dramatization activities can develop and improve the communicative competence at language classes, in this case Portuguese mother tongue and Spanish foreign language. For this, I start from the dramatization definition, analyzing the importance of the acquisition of oral proficiency in Spanish. It addresses the difficulties that the students have to express themselves orally and focuses on the role of the teacher and the students in this activity. Further I reflected on the use of dramatization in Portuguese classes. In the second chapter, it is a presentation of the school - “Agrupamento de Escolas de José Relvas – Alpiarça” – where I’ve done my Supervised Teaching Practice and a characterization of the class in which the practical lessons were performed. Finally, I present and reflect on the role play activities that were developed during this practice.

ÍNDICE

Introdução	6
Capítulo 1:	
A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver a expressão e a interação orais	
1.1. O que se entende por dramatização	8
1.1.1. Vantagens e desvantagens da dramatização	10
1.2. O papel do professor e dos alunos nas atividades de dramatização.	13
1.3. O uso da dramatização na aula de Português	16
1.4. A importância da expressão e interação orais na aula de E/LE	19
1.5. Os entraves à expressão oral	23
1.6. Conclusão	26
Capítulo 2:	
O meio escolar	
2.1. Agrupamento de Escolas de José Relvas - Alpiarça.....	28
2.2. A turma de Espanhol	29
Capítulo 3:	
Prática de Ensino Supervisionada (PES)	
3.1. Introdução	30
3.1.1. O uso da dramatização na aula de E/LE	31
Conclusão.....	36
Referências bibliográficas	38
Anexos	40

Introdução

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR, 2001: 24-25), é necessário que se intensifique a aprendizagem e o ensino de línguas nos países da União Europeia de forma a potenciar maior mobilidade e uma melhor comunicação internacional, “...respeitando a identidade e a diversidade culturais, um maior acesso à informação, uma interação pessoal mais intensa, melhores relações de trabalho e um entendimento mútuo mais profundo.” No entanto, segundo DeKeyser (*apud* Muñoz, Araújo e Ceia, 2011: 24), nos dias de hoje, as escolas não oferecem aos estudantes as horas suficientes de exposição à língua estrangeira o que não garante que haja um contacto suficiente para que os mecanismos de aprendizagem implícita se ativem. Desta forma, é necessário que o docente estimule, na sala de aula, todas as capacidades que estão implicadas no ato de falar mediante a proposta de atividades que tenham como objetivo principal o uso, a participação e o carácter motivador na prática da oralidade.

Sendo a aprendizagem de uma língua estrangeira, na atualidade, uma mais-valia para nos movermos num mundo cada vez mais globalizado, é primordial que nos saibamos expressar oralmente sem inseguranças e de forma correta para que sejamos compreendidos pelos nossos interlocutores e que compreendamos o que eles nos transmitem.

Visto que, hoje em dia, o professor de línguas tem de dominar diferentes estratégias e pôr em prática atividades para que o ensino/aprendizagem de um determinado idioma seja atrativo e dinâmico, tentarei demonstrar que a dramatização pode ser um recurso motivador para os discentes tendo um papel relevante na sua formação linguística e social.

Este trabalho está dividido em três grandes capítulos. No primeiro, em que apresentarei alguns conceitos teóricos, pretendo refletir sobre o que se entende por dramatização, que objetivos apresenta, quais as suas vantagens para o desenvolvimento da competência oral e as desvantagens que a sua prática oferece em contexto de sala de aula. Irei incidir sobre o papel do docente na realização deste

gênero de atividade como motivador, guia, orientador e criador de autonomia e no papel dos alunos como elementos centrais, como protagonistas cuja participação é fulcral para alcançar os objetivos propostos. É meu propósito ainda deter-me sobre como se pode utilizar a dramatização na aula de Português língua materna destacando a sua função de incentivo à leitura com o objetivo de melhorar não só a competência oral, mas também escrita. Terminarei esta primeira parte expondo as dificuldades que apresentam os discentes na hora de se expressarem oralmente.

No segundo capítulo, correspondente à descrição da instituição onde se realizou a Prática de Ensino Supervisionada (PES), debruçar-me-ei no meio escolar apresentando quer o seu envolvimento físico, quer social e na descrição da turma onde lecionei enquanto estagiária.

Por fim, no terceiro capítulo, centrado na PES, abordarei com sentido crítico as atividades de dramatização que foram desenvolvidas ao longo do ano letivo (2013-2014) procurando levar ao leitor deste relatório os diversos exercícios postos em prática e expor não só os pontos fortes como aqueles que não foram tão positivos na sua realização e ainda a reflexão sobre o que aconteceu e as possíveis soluções.

Capítulo 1

1.1. O que se entende por dramatização

Foi a partir das décadas de 80 e 90 do século XX que o método comunicativo de ensino das línguas passou a ter grande ênfase. Este baseia-se no pressuposto de que “...la lengua es más que una serie de reglas gramaticales con grupos de vocabulario que hay que memorizar. Es un recurso dinámico para crear significado.” (Nunan, 2011: 22).

Deste modo, o enfoque comunicativo permite uma abordagem do ensino das línguas que se centra no significado e na interação entre os falantes, no uso da língua. Segundo o *Diccionario de términos clave de ELE*¹, o objetivo deste método “[E]s fomentar el aprendizaje mediante el uso real de la lengua en el aula (...)”.

Partindo da definição de Barroso e Fontecha (2000: 108), a dramatização “consiste en la representación de una acción llevada a cabo por unos personajes en un espacio determinado.” Dramatizar é dar forma dramática, teatral a algo que não a tem. Que textos podemos dramatizar? Escritos, de qualquer género, e também produções orais.

Del Hoyo, Dorrego e Ortega (2006: 14) referem que “...los juegos de dramatización... son actividades, por lo general, con un potente nivel lúdico, de forma que permiten romper bloqueos y fomentar la integración mediante la confianza...”. São, então, atividades lúdicas que levam os alunos a desinibir-se e a ganhar confiança em si e naqueles que os rodeiam ao mesmo tempo que os ajudam a “llegar a los contenidos de una forma menos consciente y más expresiva, pudiendo así... apropiarse de la realidad e internarse en ella para conocerla, explorarla y transformarla.” (Prieto, 2007: 12).

¹ http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/diccio_ele/diccionario/enfoquetareas.htm

Juan Cervera (*apud* Arroyo, 2003: 47) cita que o jogo dramático é, como qualquer outro jogo, uma atividade lúdica, que tem como objetivo representar papéis e caracterizar personagens. Já para Arroyo (2003: 47), o importante não se baseia apenas em representar e caracterizar, mas antes em “...crear, vivenciar, desinhibirse, crecer, creer en uno mismo, superarse, desarrollarse en todos los sentidos.”

Na minha opinião, e indo ao encontro do que defende a última autora citada, as atividades realizadas na sala de aula devem procurar o crescimento dos discentes em todas as vertentes. Assim, penso que a realização de jogos de dramatização é uma forma de desenvolver diversas capacidades nos alunos, como por exemplo, a expressividade, a criatividade, o espírito crítico, a autoestima ajudando-os na construção do seu próprio conhecimento, levando-os a uma aprendizagem significativa.

Essa aprendizagem pode partir da representação de situações da vida real (numa consulta, no restaurante, a visitar uma cidade, nas compras) em que os estudantes se identifiquem com aquele papel levando-os a agir com mais naturalidade e assimilando os conteúdos implicitamente. Por outro lado, poderão representar situações pelas quais talvez nunca passem fora da sala de aula, no entanto, estas servirão para reforçar a aprendizagem dos conteúdos de uma unidade por exemplo, diretor de uma obra de teatro para praticar um item gramatical como o imperativo. Pode dizer-se então, e indo ao encontro de Aguilar e Simarro (2008: 896), que as atividades de dramatização são uma forma de substituir os tradicionais exercícios gramaticais de preenchimento de espaços em branco e de repetição de estruturas descontextualizadas. Julgo, assim, que as atividades de dramatização são uma forma de desenvolver a competência comunicativa e para além disso contribuem para a motivação.

Arroyo (2003: 60-62) refere que os jogos de dramatização podem também promover o desenvolvimento de outras capacidades que qualquer indivíduo deve possuir para a sua realização pessoal e social. São elas as capacidades cognitivas, conhecer-se a si e ao que o rodeia; afetivas, favorece a autoestima e a expressão dos sentimentos; motoras, contribui para o controlo do próprio corpo; linguísticas,

possibilita e estimula a comunicação e, por fim, capacidades sociais, contribuindo para uma boa relação com os elementos do grupo.

Como vemos, a dramatização engloba todos os aspetos da personalidade do ser humano, centrando-se sobretudo naqueles que se relacionam com a expressão comunicativa e dentro desta com a oralidade.

1.1.1. Vantagens e desvantagens da dramatização

Como foi visto no anteriormente exposto que nos aponta que a atividade de dramatização é extremamente benéfica no desenvolvimento do conhecimento e das capacidades do aluno e na sua motivação, também, segundo a bibliografia da especialidade, utilizar a dramatização na sala de aula é vantajoso porque:

- Desenvolve a imaginação, exercita a criatividade e a expressividade, elementos essenciais se queremos “...conseguir en nuestros jóvenes una formación integral, que sea capaz de desarrollar y potenciar en los individuos capacidades cognitivas, sociales y afectivas”. (Fuegel e Montoliu, 2000: 17).

- Havendo várias personagens, o aluno tem de trabalhar em grupo e aprender em colaboração com os outros, pois isso “...favorece la sociabilidad y la integración del estudiante al trabajar directamente sobre la dinámica de grupo”. (Del Hoyo *et al.*, 2006: 6).

- Desinibe o discente, aumentando a sua autoestima e preparando-o para uma comunicação mais eficaz em contextos mais variados incitando, assim, “...a la actividad, a la curiosidad, a ser creativo para sorprender a los otros y, al mismo tiempo, provoca interés por ver otras soluciones, otras versiones de una misma situación.” (Prieto, 2007: 17).

- Apresenta um componente lúdico o que conduz a uma melhoria da motivação. Como se pode ler no QECR (2001: 222), “[u]m nível elevado de motivação intrínseca para realizar uma tarefa – em virtude do interesse pela mesma, pela sua pertinência, por exemplo, para as necessidades reais ou para a execução de uma outra

tarefa aparentada (interdependência das tarefas) – promoverá um maior envolvimento por parte do aprendiz”. Consequentemente cria um clima favorável à aprendizagem.

Aguilar (2012: 3) cita que a dramatização é um recurso que permite ao professor fugir da docência centrada no manual, ou seja, variar a sua metodologia e “sorprender al alumnado con la intención de que se involucre, puesto que el carácter lúdico y atractivo de este recurso tiende a provocar una mayor motivación en los alumnos”.

Por outro lado, não podemos descurar que a realização deste género de exercício também acarreta desvantagens. É verdade que estas poderão ser ultrapassadas com algum empenho e imaginação por parte do docente, contudo, de qualquer forma, não poderei deixar de mencioná-las, esperando com isso ajudar outros professores a refletir e a procurar superar estas dificuldades. Assim, ao realizar estas atividades o professor poder-se-á deparar com os seguintes obstáculos:

- A maneira de ser, o comportamento, a forma de estar dos alunos na sala de aula é muito heterogénea, tornando-se, por vezes, uma tarefa difícil gerir uma atividade em que estes vão trabalhar em grupo ou em pares. Também em relação ao trabalho em grupo, “[S]egún algunos profesores, lleva demasiado tiempo de la clase, permite que los estudiantes más vagos se apoyen en el trabajo del grupo, y lo peor, favorece el uso de la lengua materna, de forma casi inevitable cuando se trata de grupos monolingües.” (Baralo, 2000: 169). Para além disso, nem todos os jovens se sentem à vontade para representar em frente aos colegas e a sua inibição fá-los não querer participar.

- Nem todas as salas de aula apresentam as condições ideais para uma atividade de dramatização, não existindo um espaço onde os alunos possam representar à vontade podendo haver, por exemplo, mobiliário preso ao chão. Também o facto de as turmas terem um elevado número de elementos e as salas, muitas vezes, serem insuficientes para os próprios torna-se um obstáculo.

- Para realizar atividades de dramatização é necessário despendir bastante tempo, o que se torna difícil de gerir porque há um programa que o professor tem de cumprir.

- Sendo as turmas bastante heterogêneas, nem todos os alunos apresentam a mesma competência linguística. Dessa forma, o professor terá de encontrar estratégias para guiar os alunos com mais dificuldades até à tarefa final.

Enumeradas que estão as vantagens e as desvantagens desta atividade, penso que os aspetos positivos se sobrepõem aos negativos e que o docente poderá ultrapassar os seus inconvenientes incentivando o seu grupo para a dramatização e criando soluções, algumas delas trabalhadas na turma em que lecionei como demonstrarei no capítulo 3 dedicado à PES. Visto isto, não podemos encarar estas atividades orais como um problema, mas como uma forma de alcançar a competência comunicativa que pode modificar o aluno, porque aperfeiçoa a sua autonomia, levando a uma construção de saberes baseada na troca de conhecimento entre professor e aluno.

Tendo já lecionado em várias turmas considero que nem sempre é fácil motivar, levar a trabalhar em cooperação ou mesmo conseguir que os alunos se desinibam, por isso, a necessidade de fazê-los entender que a expressão oral os acompanhará para sempre e que o futuro deles dependerá das destrezas de oralidade reveladas e do modo como falam. Daí também a importância de criar uma cultura da oralidade nas salas de aula e ninguém melhor que os professores de línguas para exercitarem com os seus alunos todas as questões relacionadas com a expressão e interação orais.

1.2. O papel do professor e dos alunos nas atividades de dramatização

Para a realização de uma atividade de dramatização tem de se partir de uma planificação onde se refiram os objetivos que se pretendem alcançar bem como os conteúdos a trabalhar. Esta primeira etapa é da responsabilidade do docente que, segundo o programa da disciplina, deverá ajustar todas as competências que pretende desenvolver de forma a resgatar o papel educativo desta atividade para potenciar a imaginação, a criatividade, a espontaneidade e a motivação para a aprendizagem. Este também deverá ter em conta, entre outros aspetos, o nível de conhecimentos dos alunos, a idade, os seus interesses e necessidades e o contexto na hora de programar atividades lúdicas.

Sendo a dramatização uma atividade comunicativa, o professor terá de assumir um papel centrando-se nos discentes e, para isso, desempenhará várias funções: analisar as necessidades dos alunos, criar situações de comunicação, organizar atividades, participar como um deles, observar o desenvolvimento das tarefas na aula e elaborar materiais. De facto, a função do professor deve ser a de facilitador da aprendizagem fomentando a cooperação entre os alunos porque estes são os verdadeiros protagonistas como nos referem Fuegel e Montoliu (2000: 12) “[e]ntendemos que el alumno es el centro de la acción, y su maestro, el guía y orientador.”

Considero que a função do docente neste género de atividade não é formar atores, mas potenciar o crescimento individual e da turma. Este deve ter uma participação equilibrada e motivar os alunos que mais necessitam de apoio. Deve ainda estimular os estudantes dando sugestões e reforçar a autoestima e confiança no grupo. Por fim, e não de menos importância, deverá observar a dinâmica grupal e, se for necessário, utilizar estratégias para modificar comportamentos.

A falta de competência linguística do discente na segunda língua faz com que seja difícil, por vezes, entender as instruções do exercício proposto, bem como não possuir os recursos suficientes para realizar corretamente a atividade. Isto leva a que a progressão da mesma “...sea más controlada por parte del profesor y su intervención

sea mayor, y que el trabajo previo a la tarea sea mucho más importante. (Barroso e Fontecha, 1999: 110). Assim, do meu ponto de vista, é necessário que se realizem mais exercícios de pré-atividade e que o docente dê mais estímulos e mais indicações. É preciso ter em conta que para melhorar o produto final é necessário controlar o processo, daí a importância da figura do professor para que os alunos alcancem os objetivos pretendidos.

Apesar deste controlo por parte do docente, este não se poderá esquecer que uma das suas principais funções é a de promover a autonomia dos alunos. Segundo Sánchez (2004: 60), “...el alumno ha sido durante siglos el gran olvidado del proceso pedagógico.” Não era mais do que um elemento passivo que apenas recebia a informação que o professor lhe transmitia, contudo, creio que esse papel evoluiu e nos dias de hoje o aluno é a figura essencial da aula. Apesar de nas nossas escolas ainda existirem professores que trabalham numa vertente sobretudo teórica e expositiva, com o aparecimento de um ensino comunicativo, vamos assistindo à transformação de um aluno recetivo em membro participativo no seu processo de aprendizagem. Desta forma, os discentes, sendo os elementos centrais deste processo, têm como principal função a participação nas atividades de dramatização promovidas pelo professor e dentro destas devem fomentar, com os seus companheiros, um clima grupal positivo que permita trabalhar sem entraves. Na fase de preparação do exercício terão de criar as personagens, escolher que papel desempenha cada colega e planejar a história a representar. Sendo uma atividade diferente de uma representação teatral, “[l]os estudiantes no deben memorizar textos, sino crear unas líneas de actuación para improvisar durante la escena su propio papel.” (Barroso e Fontecha: 1999: 110). Sendo essa improvisação o que se pretende, na verdade, em situação de aula, nem todos os alunos conseguem fazê-lo e muitas vezes produzem um texto escrito no qual se apoiam durante a sua representação, praticamente procedendo à sua leitura. É claro que existem exceções havendo estudantes que com maior facilidade improvisam e conseguem dramatizar.

No final, os discentes devem fazer a auto e heteroavaliação comentando a sua própria dramatização e a dos companheiros, de forma a poderem avaliar o trabalho

desenvolvido, bem como o seu desempenho consciencializando-se para o que poderão melhorar futuramente.

Do que foi visto anteriormente, podemos concluir que nas atividades de dramatização tanto o professor como os alunos são elementos primordiais para a sua consecução e que ambos têm um papel de relevo para o sucesso da mesma. Não importam somente as capacidades do professor mas também as características da turma. O professor deverá estar aberto aos ensinamentos que cada grupo lhe pode proporcionar, cada um é único e as experiências de cada ano letivo produzirão mudanças na prática docente.

1.3. O uso da dramatização na aula de Português

A nossa língua é um instrumento fundamental de acesso a todos os saberes e sem o seu correto domínio, ao nível da oralidade e da escrita, esses saberes não são adequadamente representados. Por isso mesmo, e segundo as recomendações da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português, “...importa sensibilizar e mesmo responsabilizar todos os professores, sem exceção e seja qual for a sua área disciplinar, no sentido de cultivarem uma relação com a língua que seja norteadada pelo rigor e pela exigência de correção linguística, em todo o momento e em qualquer circunstância do processo de ensino e de aprendizagem.” (Programa de Português do Ensino Básico, 2009: 6).

Se os docentes de outras áreas devem ser responsáveis por esse rigor, ainda mais o terá de ser o professor de língua materna concebido no Programa de Português do Ensino Básico (PPEB) como “*agente* do desenvolvimento curricular.” Este, em constante diálogo com as propostas do Programa, deverá ser capaz de tomar adequadas decisões de operacionalização, adaptando-as à realidade educativa da sua escola e da sala de aula. (PPEB, 2009: 9).

Na atualidade, nas nossas escolas temos jovens que são bombardeados com as novas tecnologias, tendo estas uma grande influência nas suas vidas e que apesar das suas vantagens, por outro lado, nem sempre levam ou ajudam ao uso correto da língua oral e escrita. Uma das estratégias para a melhoria desse uso será a prática da leitura, no entanto, e devido a este impacto tecnológico, torna-se difícil criar nos adolescentes hábitos de leitura e motivá-los para a prática da mesma. Nas aulas de Português, o docente pode e deve criar situações com uma componente lúdica que desenvolvam nos seus discentes o gosto pela leitura, incentivando-os a lerem não só as obras de cariz obrigatório que integram o seu programa escolar, como também levá-los à leitura recreativa.

Na disciplina de Português a dramatização poderá ser utilizada para esse fim, sobretudo com o objetivo de criar e desenvolver o gosto pela leitura, mas também como forma de melhorar a sua expressão oral, visto que “[l]a expresión dramática

ayuda a desenvolverse con más facilidad en el mundo verbal cotidiano...” (Prieto, 2007: 15). Como foi anteriormente referido, é também uma atividade que visa fomentar a criatividade, romper bloqueios e poderá ser uma forma de motivá-los para o estudo de obras literárias ao longo do seu percurso académico porque o jogo dramático apresenta maiores possibilidades de diversão, desperta maior interesse e permite que os jovens se apaixonem pelo que está nos livros e por qualquer tipo de saber. (Arroyo, 2003: 51).

Ao realizar atividades de dramatização na aula de Português, para além de se procurar melhorar a expressão e a interação orais, também se pretende criar situações para desenvolver a expressão escrita, potenciar a capacidade de observação, de concentração, de memória, de imaginação, de domínio da expressão corporal e de espírito crítico.

Segundo as Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico, um dos objetivos ao nível do domínio da oralidade é que o aluno saiba “[p]roduzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificadas e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.” Para que esse objetivo seja alcançado pretende-se que este planifique o texto oral a apresentar, utilize informação pertinente, use a palavra com fluência e correção, diversifique o vocabulário e as estruturas utilizadas (Buescu, Morais, Rocha e Magalhães, 2012: 57). Para isso, o docente deve facultar o contacto com usos da linguagem mais formais e convencionais que se revelam importantes para o domínio da palavra pública no exercício da cidadania. Este trabalho concretiza-se através da observação e da reflexão de um conjunto alargado de textos que integram as práticas orais (entrevistas, debates, teatros, etc.).

O PPEB apresenta-nos uma variedade de leituras que permitirá aos docentes trabalhar com os estudantes a atividade de dramatização oferecendo-lhes uma multiplicidade de autores e de textos que servem de base sobre a qual o professor seleciona e organiza as leituras adequadas a cada contexto de trabalho.

Para além da observação, importa que os alunos trabalhem esses textos de forma a que consigam organizar o pensamento, construir e partilhar saberes e aprendizagens. Assim, é fundamental proporcionar aos discentes experiências em que

eles desenvolvam a capacidade de produzir textos para narrar, descrever, expor, explicar, comentar ou argumentar que possam ser integrados numa atividade de dramatização, potenciando assim uma aprendizagem com uma vertente lúdica e motivadora.

Pelo que foi mencionado até agora, poderemos trabalhar a dramatização na aula de Português de várias formas e utilizando diversos géneros textuais. Por um lado, através da leitura expressiva ou mesmo representação de alguns excertos, por exemplo, de obras teatrais “Falar verdade a mentir” de Almeida Garrett, “O Príncipezinho” de Antoine de Saint-Exupéry ou a obra de Gil Vicente, “Auto da barca do inferno”, isto no 3.º ciclo. Por outro lado, através de representações de diálogos ou produções criadas pelos próprios alunos com o intuito de trabalharem outro tipo de textos desenvolvendo, desta forma, tanto a competência oral como escrita, preparando-os para a utilização da língua em diversos contextos sociais.

Finalizando, também importa destacar que existem companhias de teatro que levam a cena algumas das obras estudadas pelos alunos, um exemplo é a Companhia de Teatro “O Sonho” que tem como pressuposto base o desenvolvimento de atividades teatrais/dramáticas – peças, *workshops*, fóruns de debate – para um público maioritariamente infanto-juvenil, apostando em textos recomendados pelo Plano Nacional de Leitura que integram os programas curriculares. Também o Teatro Nacional D. Maria II com o objetivo de criar espetadores mais críticos e atentos leva a cena espetáculos destinados ao público escolar. Mais uma vez, uma forma lúdica de os motivar para a leitura e de estimular a sua imaginação, o seu espírito crítico e a sua criatividade para a realização das suas próprias dramatizações em contexto de sala de aula será levá-los a assistir a essas representações.

1.4. A importância da expressão e interação orais na aula de E/LE

Para Pinilla (2008: 879), a expressão oral é uma das atividades de comunicação que se pode desenvolver durante um ato comunicativo e mediante a qual processamos, transmitimos, trocamos e negociamos informação com um ou vários interlocutores. A expressão oral está intimamente ligada à compreensão auditiva, a outra competência oral, e às competências escritas (expressão escrita e compreensão leitora) que “...constituyen las cuatro destrezas lingüísticas básicas: hablar, escuchar, escribir y leer.”

O docente de Espanhol tem ao seu dispor um documento orientador, o Programa de Espanhol para o 3.º ciclo, que decorre da reflexão sobre as opções pedagógicas da Reforma Curricular, tendo como referencial a Lei de Bases do Sistema Educativo e o Decreto-Lei nº286/89. Este estabelece conteúdos (conceitos, procedimentos e atitudes) para os diferentes domínios da língua: compreensão oral; expressão oral; compreensão escrita; expressão escrita; reflexão sobre a língua e a sua aprendizagem e aspetos socioculturais. A par disto, é sublinhada a importância de desenvolver nos alunos estratégias de comunicação, “...consciencializando-os sobre como utilizá-las e rentabilizá-las, de forma a tirarem melhor partido das suas possibilidades e evitarem a quebra de comunicação.” (Ministério da Educação, 1991: 31).

No capítulo 5 do programa acima mencionado, Orientações metodológicas, é referido que “se partimos do princípio que a comunicação é a nossa meta final, deveremos levar os alunos a comunicar na língua estrangeira, criando situações de comunicação tão autênticas quanto possível, que recubram os aspetos socioculturais a que estão associadas.” (Ministério da Educação, 1991: 29). Para conseguir esta prática, é sugerido realizar intercâmbios entre alunos ou escolas de países estrangeiros e realizar atividades de simulação de comunicação na aula como dramatizações, jogos teatrais e simulações.

O documento sublinha a importância de proporcionar aos alunos muitas oportunidades para manter uma interação oral que se pareça o mais possível com a

que ocorre entre falantes de Espanhol. São dadas também orientações metodológicas sobre o contexto que serve de base às situações comunicativas e a importância da linguagem não-verbal: “os textos completos estão contextualizados, ou seja, contêm todos os elementos linguísticos e não linguísticos que integram as suas potencialidades comunicativas (gestos, inflexões de voz).” (Ministério da Educação, 1991: 30).

No programa definido para a disciplina de Espanhol para o 3.º ciclo, a dramatização, a simulação e os jogos teatrais surgem como atividades para avaliar a expressão oral.

Também o QECR (2001: 199) sugere em diferentes momentos tarefas relacionadas com a dramatização referindo que esta contribui para o desenvolvimento de competências e estratégias para “realizar tarefas, atividades e processos necessários à participação eficaz nos acontecimentos comunicativos.”

Partindo do Programa para o 3.º ciclo, podemos verificar que a aquisição da competência oral é fundamental na aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso o Espanhol, sendo o seu principal objetivo “...desarrollar la capacidad del alumno de expresar el contenido de un mensaje y de mantener una conversación...” (Giovannini, Martín, Rodríguez e Simón, 1996: 49).

Em contexto de sala de aula como podemos trabalhar esta competência? Em primeiro lugar, o docente deve facilitar a compreensão do *input*, bem como possibilitar o uso da língua o mais possível e não deve dedicar toda a aula a tratar aspetos descritivos sobre a língua ou a apresentar atividades “pseudocomunicativas” e a esquecer a comunicação real imposta pelo mundo exterior. Giovaninni *et al.* (1996: 49) citam que se concebeu o desenvolvimento da expressão oral como uma atividade na qual se praticam competências linguísticas: repetição de estruturas gramaticais e exercícios de ampliação de vocabulário, no entanto, para que o aluno se consiga expressar e interagir oralmente, o processo de aprendizagem não deve apenas basear-se na utilização de conteúdos léxicos e gramaticais mas, e sobretudo, ajudar o discente a exercitar o uso da língua comunicando e interagindo.

Como referi anteriormente, um dos objetivos da dramatização é desenvolver as capacidades linguísticas. Neste ponto procura-se estimular a expressão oral em diversas áreas:

- Vocabulário;
- Pronúncia;
- Fluidez;
- Sintaxe;
- Criatividade e lógica na construção de frases e na criação de pequenos textos;
- Compreensão de todos os termos utilizados;
- Segurança e confiança na própria expressão oral;
- Satisfação ao comprovar as possibilidades da própria expressão: oral, mímica;
- Respeito pelo discurso do outro;
- Atenção ao interlocutor: distância adequada, olhá-lo nos olhos, observar os seus gestos e os seus recursos extralinguísticos para captar as suas intenções e sentimentos (Arroyo, 2003: 61-62).

Incentivando à expressão oral e tendo em conta as áreas anteriormente enumeradas, pretende-se capacitar o aprendiz de uma língua estrangeira para a realização de uma interação oral completa, correta e compreensível para todos os intervenientes. Usar corretamente a língua é muito importante, dado que os sujeitos falantes são constantemente reputados em função do seu discurso. Falar não é, como à partida parece, um processo fácil. O falar é uma comunicação que exige o conhecimento das regras que a regulam. Um aluno aprende uma língua estrangeira para usar essa língua como instrumento de comunicação. Assim, no campo da expressão e interação orais, ele será capaz de expressar-se oralmente, transmitindo informação a um recetor e será capaz de receber informação.

Após esta reflexão, podemos constatar que o processo de aquisição da competência oral é de extrema importância na aprendizagem de uma língua estrangeira porque dota os estudantes de capacidades fundamentais de comunicação

e interação que lhes permitirão realizarem-se enquanto seres sociais. A aprendizagem de idiomas tem feito parte do currículo educativo dos alunos desde crianças, é fundamental saber comunicar noutras línguas, para que não fiquemos isolados e em silêncio com o mundo. O jovem que inicia a aprendizagem de uma língua estrangeira passa a dispor de um poderoso meio de desenvolvimento pessoal, de integração social, de aquisição cultural e de comunicação. A capacidade de comunicar numa língua estrangeira e o conhecimento da mesma proporcionam uma melhor compreensão da língua materna, uma vez que se promove a reflexão sobre o funcionamento de ambas. Um dos objetivos da aprendizagem de línguas será sempre a formação para a cidadania, por se desenvolverem capacidades de comunicação e por ela fomentar o diálogo intercultural, valorizando o outro, o respeito e a cooperação.

1.5. Os entraves à expressão oral

Segundo o *Plan Curricular del Instituto Cervantes*² (PCIC), existem casos de falantes não nativos de Espanhol que possuem um domínio bastante elevado de recursos linguísticos, gramaticais, lexicais ou pragmáticos e que, no entanto, apresentam dificuldades para se comunicarem porque neles interferem negativamente os seus problemas de pronúncia e a sua incapacidade para incorporar os novos padrões fonéticos.

No caso dos aprendizes de uma língua estrangeira, num nível inicial, para além dos problemas de pronúncia, nem sempre conseguem que a comunicação seja eficaz porque ainda não dispõem de meios suficientes para que haja uma adequada compreensão e produção de mensagens. Os alunos nem sempre conseguem expressar o que pretendem transmitir nem entender o que ouvem. Note-se que, até alcançar uma proficiência linguística que os leve a saber utilizar a língua espanhola de forma bastante correta, muitos estudantes iniciam o seu processo de aprendizagem acreditando que falam mal e, por isso, sentem-se inseguros, chegando a retrainar-se na sua utilização.

De acordo com Giovannini *et al.* (1996: 61) expressar-se em língua estrangeira é difícil, especialmente para principiantes, porque praticamente não há tempo para refletir sobre aquilo que se quer dizer e estes sentem-se mais à vontade a fazê-lo por escrito, visto que na oralidade se apresentam muitas dúvidas de pronúncia, entoação incorreta e, muitas vezes, problemas linguísticos que nos fazem parecer mais entorpecidos do que aquilo que somos. Para além disso, os estudantes podem deparar-se com outras dificuldades:

- Desconhecem os termos adequados a usar num determinado contexto;
- Conhecem-nos mas não os recordam quando necessitam deles;
- Não podem responder porque não entendem o seu interlocutor.

² http://cvc.cervantes.es/Ensenanza/Biblioteca_Ele/plan_curricular/niveles/03_pronunciacion_introduccion.htm

Para além dos entraves ao nível da língua, surgem ainda obstáculos ao nível comunicativo e afetivo. Entre os primeiros poderemos destacar a falta de adequação entre o contexto e o expressado e os erros de tipo cultural, por exemplo, o emprego de um registo demasiado formal numa situação informal. Em relação aos problemas afetivos, de referir o facto do aluno se poder sentir ridículo por não possuir as palavras e a fluidez necessárias para expressar algo.

Sendo, segundo Pinilla (2008: 895), a expressão oral a competência mais difícil de alcançar e, como assinalai no início deste relatório, existindo uma deficiente exposição à língua estrangeira por parte dos estudantes, o professor de Espanhol terá de procurar soluções para a melhoria da competência oral nos seus discentes. Para isso, deverá realizar atividades comunicativas bem planificadas que tenham em conta as características próprias da comunicação oral para que, futuramente, quer numa situação pessoal, quer profissional, os discentes consigam realizar comunicações quotidianas e informais como saudar, agradecer, apresentar-se ou um género de intercâmbio mais formal como entrevistas, debates ou conferências.

No entanto, não podemos pensar que todos os alunos irão alcançar a mesma competência linguística, pois somos todos diferentes no uso e nem todos alcançamos o mesmo domínio de palavras, estruturas e formas para comunicarmos adequadamente em distintas situações e com diferentes interlocutores. Porém, devemos utilizar atividades que procurem ajudar ao desenvolvimento da oralidade, estimulando sobretudo os discentes que apresentam mais dificuldades dando-lhes o *input* necessário, incentivando-os à participação procurando que se desinibam e que não se sintam frustrados, por exemplo, com o inevitável “acento extranjero.”

No PCIC aponta-se que muitos aprendizes de línguas estrangeiras desejam soar como um nativo, ou seja, dominar para além das regras de funcionamento e uso da língua todas os seus elementos fonéticos e fonológicos. Contudo, a meu ver, o docente deve explicar ao estudante que este poderá alcançar uma pronúncia clara e compreensível para um nativo, mas não necessariamente equivalente à deste porque existem interferências das suas características individuais.

Com esta reflexão pretendo concluir que o professor poderá utilizar a dramatização como atividade para ultrapassar os entraves à expressão oral com que se

deparam os discentes visto que esta pode ajudá-lo a expressarem-se de maneira correta e apropriada, sem medo de cometer falhas linguísticas de forma a superar a frustração que, por vezes, leva ao silêncio. Creio que os docentes têm de continuar a executar metodologias de trabalho orientadas para a melhoria da oralidade inovando e criando novas formas de fazer com que os alunos não tenham receio de se expor perante a turma, não se fechem em si e exteriorizem o que pensam. Os alunos precisam de sentir que podem ser eles próprios na sala de aula, que as suas limitações são contempladas, pois, só assim poderão aprender.

Apesar do pendor lúdico que este género de atividade poderá ter, é necessário que os discentes interiorizem que as aulas em que se realizam atividades de dramatização não têm como principal objetivo que se divirtam, mas que pratiquem e melhorem a sua competência oral.

1.6. Conclusão

Após a análise, neste primeiro capítulo, da definição de dramatização, dos aspetos positivos, mas também negativos que a realização desta atividade apresenta em contexto de aula, do papel dos implicados (docente e discentes) na sua execução, do uso deste exercício na disciplina de Português e da importância de aprender a expressar-se oralmente em Espanhol, pretendi mostrar que será benéfico introduzir a dramatização no processo de ensino/aprendizagem como elemento motivador e assimilador de novos conhecimentos. Esta atividade é um procedimento bastante útil para a prática da interação social dentro da abordagem por tarefas porque se baseia essencialmente no diálogo e permite criar em contexto escolar uma situação real de comunicação que requer o uso da língua oral através de técnicas lúdicas. Para além disso, favorece a aquisição da língua estrangeira experimentando, negociando, participando e analisando situações, personagens e conflitos, reforça as estratégias de comunicação entre os estudantes e, ao trabalhar em grupo, possibilita a cooperação e ainda promove a autonomia com o envolvimento do aluno na sua própria aprendizagem, fomentando a confiança em si mesmo, impulsionando a desinibição, a fluidez verbal, reduzindo as barreiras afetivas, aumentando a motivação, a imaginação e a criatividade. (Prieto, 2007: 21).

Sendo que, através da dramatização podemos incorporar um elemento lúdico à aula e motivar os alunos, isso não implica que não se possam trabalhar os objetivos e conteúdos propostos na planificação inicial, pois este recurso adapta-se a estes facilmente levando a que o elemento central no processo de ensino comunicativo da língua, o aluno, seja um “agente social” que adquirirá os elementos que constituem o sistema da língua e será capaz de desenvolver-se em situações de comunicação do dia-a-dia, em interação social; seja um “hablante intercultural” que conseguirá identificar os aspetos mais importantes da nova cultura que está a adquirir e por fim, seja um “aprendiente autónomo” que, gradualmente, será responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem “...con autonomía suficiente para continuar avanzando en

su conocimiento del español más allá del propio currículo, en un proceso que pueda prolongarse a lo largo de toda la vida.”³

Pelo que foi visto durante este capítulo, podemos ainda concluir que se o docente for um profissional que não tenha medo de arriscar na hora de colocar novos desafios, vai incutir nos seus estudantes mais motivação para a sua aprendizagem. De igual forma, se este se propuser a ultrapassar os obstáculos que dificultam a consecução desta atividade, ao realizá-la, aprender-se-á a trabalhar em cooperação, estimular-se-á a capacidade de aprender a escutar o que permitirá aprender a falar, criar-se-á um ambiente de solidariedade e de aceitação do outro, incitar-se-á à atividade, à curiosidade e a ser criativo para surpreender os outros. Recorrendo à dramatização é possível criar uma situação de comunicação real que tem como principal objetivo ter sempre um propósito, uma finalidade.

³ http://cvc.cervantes.es/Ensenanza/Biblioteca_Ele/plan_curricular/niveles/01_objetivos_introduccion.htm

Capítulo 2

O meio escolar

2.1. Agrupamento de Escolas de José Relvas – Alpiarça

O Agrupamento de Escolas de José Relvas, localiza-se no concelho de Alpiarça que fica situado no distrito de Santarém, no Ribatejo ou vale do Tejo, região da Lezíria do Tejo, na margem esquerda deste rio e faz parte da Bacia Sedimentar do Tejo/Sado.

Alpiarça é sede de concelho de uma única freguesia desde 1914 e faz fronteira com os concelhos de Santarém, Almeirim e Chamusca possuindo, ao nível da educação, apenas um Agrupamento que está sediado na Escola Básica 2,3/S de José Relvas onde se enquadra a totalidade das estruturas educativas. Para além da Escola Sede, é constituído por três Escolas do 1º Ciclo e quatro Jardins de Infância, sendo que a primeira, com cerca de trinta anos de construção, possui três edifícios (blocos A, B e C), um ginásio e uma portaria e um bloco D de construção mais recente (cerca de dez anos).

Exteriormente existem amplos espaços de recreio, desportivos e ajardinados, fazendo ainda parte do recinto escolar um pavilhão gimnodesportivo inaugurado no ano letivo de 04/05.

Possui ainda: acessos exteriores, Parque de bicicletas e locais de lazer, Arrecadações, Auditório, Balneários, Bar, Biblioteca escolar/ Centro de Recursos Educativos, Gabinete da Associação de Estudantes, Gabinete da Direção, Gabinete de Apoio ao Aluno, Gabinete dos Diretores de Turma, Recintos desportivos, Laboratório de fotografia, Laboratórios, Papelaria, Pavilhão gimnodesportivo, “Portaria”, Rampa e outras acessibilidades, Refeitório, Reprografia, Sala de Alunos, Salas de aula (repartidas por 3 blocos), Sala de auxiliares de ação educativa, Sala de Clubes, Sala de Educação Musical, Sala de ET (Educação Tecnológica), Sala de EVT (Educação Visual e Tecnológica), Salas de EV (Educação Visual), Salas de Informática, Sala de Professores,

Sala do S.A.S.E. (Serviço de Ação Social Escolar), Sala de Trabalho de Professores e Serviços de Administração Escolar.

No que se refere às salas de aula onde realizei as atividades de dramatização, apresentavam boas condições para o seu desenvolvimento, possuíam espaço suficiente para o movimento dos alunos, havendo, se necessário, a possibilidade de mover as mesas e as cadeiras, o que permitia que os discentes se deslocassem sem entraves e representassem à vontade, dando asas à sua imaginação.

2.2. A turma de Espanhol

Durante a Prática de Ensino Supervisionada trabalhei apenas com 13 alunos da turma do 8.ºA, visto esta estar dividida em turma de Espanhol e de Francês. Destes, 6 eram rapazes e 7 raparigas com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos que formavam um grupo muito interessado, participativo, cooperante, competitivo, com vontade de aprender e com um elevado grau de motivação, o que se deve ao trabalho já realizado no ano letivo anterior pela Dra. Isabel Costa, orientadora da PES. Eram discentes assíduos, educados e cumpridores. Ao nível de resultados, apresentavam-se entre o Suficiente e o Muito Bom (níveis entre 3 e 5), não havendo notas negativas. O nível da turma era bastante bom, destacando-se uma aluna que tinha já um nível de língua que lhe permitia produzir com facilidade diferentes enunciados.

Antes de iniciar a lecionar as aulas que me correspondiam, assisti às da orientadora e lecionei a aula zero a este grupo de alunos, o que me permitiu obter mais informações sobre a forma como trabalhavam e interagiam e, ao longo do ano letivo, fui conhecendo melhor a turma e a sua dinâmica, adaptando a minha prática às características daquele grupo.

Capítulo 3

Prática de Ensino Supervisionada (PES)

3.1. Introdução

Quer a nível pessoal quer profissional, futuramente, os alunos enfrentarão situações em que necessitarão expressar-se em Espanhol. Nesse sentido, e como na minha opinião grande parte dos discentes experimenta alguma insegurança por não dominar a língua, vergonha e sente-se pouco à vontade em falar em língua estrangeira e ainda fazê-lo diante dos colegas, procurei, durante a PES, explorar atividades que espelhassem situações reais e ficcionadas em que os alunos tivessem de comunicar em Espanhol de forma a utilizarem estruturas gramaticais aprendidas, vocabulário de uso diário, mas também procurando ajudá-los a expressar as suas necessidades num contexto real de comunicação podendo assim desenvolver a sua competência oral e, desta forma, melhorar o seu desempenho.

Trabalhar em aula a dramatização é, do meu ponto de vista, uma forma de fazer crescer a capacidade expressiva do aluno, ultrapassar as suas dúvidas de pronúncia e ainda alguns dos seus problemas linguísticos. Assim, foi meu propósito confrontar os alunos com vários contextos comunicativos com o objetivo de construírem um diálogo com os seus colegas e representar esse mesmo diálogo para a turma com o intuito de desenvolver e melhorar a sua competência comunicativa interagindo oralmente. Além disso, penso que foi uma forma de promover valores como a criatividade, a solidariedade, a motivação, entre outros.

No decorrer das aulas foram abordados diversos temas e tentei que a atividade de dramatização para além de fomentar a expressão e interação orais fosse uma atividade encadeada com essa mesma temática. Desta forma, ao longo da PES e agora na redação deste Relatório de Estágio, pretendi refletir sobre o uso deste tipo de atividade na sala de aula abordando criticamente as dramatizações que foram

desenvolvidas ao longo do ano letivo e, assim, expor os vários exercícios realizados. Por outro lado, foi meu objetivo fazer referência não só aos pontos fortes, mas também ao que não decorreu da melhor forma e refletir sobre o que aconteceu e de que modo procurei ultrapassar os problemas.

3.1.1. O uso da dramatização na aula de Espanhol

Partindo do anteriormente exposto, durante a PES procurei planificar as aulas enquadrando atividades de dramatização que fossem ao encontro dos objetivos traçados. Assim, o primeiro exercício, que serviu para perceber como reagiam os discentes em frente à turma e como se exprimiam, consistiu na apresentação de uma notícia criada pelos alunos, visto termos trabalhado a estrutura da mesma anteriormente. Estes teriam de desempenhar o papel de jornalistas e apresentar a notícia num cenário televisivo (Anexo 1). Apesar de lhes ter pedido que improvisassem e não se baseassem somente na leitura do que tinham redigido, na sua maioria isso não se verificou, tendo-se refugiado bastante no que estava escrito. Desta forma, pude aperceber-me quais os discentes que estavam mais à vontade e que tinham mais capacidade de improvisação e quais os que se sentiam mais retraídos.

Numa atividade seguinte propus uma entrevista a um famoso hispânico. Para isso, os estudantes, em pares, escreveram previamente a entrevista a uma personalidade escolhida por mim (jogadores de futebol, atores, cantores). Nesta produção pretendia-se que, para além de recorrerem à sua imaginação e criatividade, estes aplicassem a estrutura da entrevista, que utilizassem corretamente a pontuação, bem como confrontá-los com as diferenças entre o discurso direto e indireto visto que foram conteúdos trabalhados ao longo da unidade didática “Artículos de prensa: la noticia y la entrevista.” (Anexo 2)

Tendo sido esta atividade realizada no final da aula, só na próxima estava planificado que os alunos representassem a sua produção. Assim, na aula seguinte, cada par deslocou-se à frente dos seus colegas e representou o papel escolhido, entrevistador e entrevistado. Contudo, esta atividade não se desenrolou da melhor

forma. Para essa aula, que tinha a duração de 45 minutos, tinha previsto a realização de outros dois exercícios, não geri corretamente o tempo e, por isso, acelerei a atividade não conseguindo uma correta interação oral entre os alunos, não trabalhando a sua postura e a colocação da voz para que representassem o papel atribuído de uma forma mais espontânea. Por outro lado, em alguns pares, os dois elementos eram alunos tímidos que se refugiaram na folha do diálogo, falaram muito baixo não deixando perceber o que diziam. Esta atividade também teria funcionado melhor se antes da sua apresentação tivesse corrigido as produções escritas na totalidade, o que só se verificou posteriormente e o que se traduziu num desempenho oral com grandes falhas, não alcançando, desta forma, os resultados pretendidos. Optei por não interromper a atividade, pois estaria a interferir na interação entre os alunos e poderia, até, prejudicar a sua autoconfiança. No final das apresentações elogiei o que de melhor houve, sem fazer comparações, pois cada aluno expressa-se de forma diferente. Seguidamente, procedeu-se à correção generalizada dos erros mais graves. Assim, após a reflexão da forma como decorreu esta atividade, procurei, na atividade seguinte, superar as lacunas apresentadas.

A dramatização realizada na unidade didática “Conocer a una ciudad” (Anexo 3) consistiu num diálogo entre um visitante à cidade de Barcelona e um transeunte. O primeiro tinha de pedir indicações para chegar a um determinado lugar e o segundo deveria dar as direções necessárias. Ao longo desta unidade foram trabalhadas as expressões de localização, expressões para pedir informação e o imperativo afirmativo e negativo. Com estes elementos e com a projeção de um mapa da cidade de Barcelona, os discentes, em pares, elaboraram previamente o diálogo. Procurando superar os problemas verificados na atividade anterior, optei por ser eu a decidir quem seriam os pares, de forma a que os alunos mais tímidos não ficassem juntos. Para criar mais dinâmica à dramatização, o aluno que desempenhasse o papel de transeunte teria de representar uma situação específica, por exemplo, estar irritado, ser muito tímido, estar tristíssimo e quase a chorar, etc.

Desta vez corriji todas as produções para minimizar os erros ao nível da oralidade, considero que lhes dei as indicações do que era pretendido, procurando que os alunos encarnassem os papéis que lhes eram pedidos ao nível da postura e da

colocação da voz. Penso que consegui que a atividade fosse bem-sucedida, havendo uma melhor interação oral entre os discentes. No entanto, tendo pedido que avaliassem o desempenho dos seus companheiros, julgo que deveria tê-los orientado mais elaborando, por exemplo, uma ficha com os parâmetros.

Durante esta simulação, os discentes conseguiram ser mais espontâneos não recorrendo de forma tão sistemática à folha onde escreveram o diálogo, o que senti que foi também um grande entrave na primeira atividade. Creio que isto se deveu a estes terem tido mais tempo para planificar a sua representação.

Na última dramatização realizada, desta vez no final da unidade didática “¿Vamos al cine?” (Anexo 4), pedi-lhes que redigissem um diálogo indicando-lhes que combinassem uma ida ao cinema. Desta vez optei por um trabalho em grupo (4 e 5 elementos) e de novo fui eu que os organizei procurando juntar alunos mais fracos com alunos melhores. Entreguei a cada grupo alguns cartões com as personagens que tinham de representar e com os conteúdos que tinham de utilizar, sendo estes os que haviam sido trabalhados durante a unidade (marcadores de opinião, “verbos de cambio” e expressões para propor planos. Considero que os alunos estavam bastante motivados o que fez com que encarnassem o papel que tinham de representar, demonstrando alguma preocupação com a sua postura. No final de cada apresentação pedi-lhes que fizessem a avaliação dos companheiros tendo entregueado uma ficha com os parâmetros a ter em conta. Julgo que esta heteroavaliação decorreu de forma muito positiva porque os alunos foram justos na apreciação do trabalho dos colegas. No final de todas as representações realizaram a autoavaliação, também considero que foram conscientes da sua prestação.

Na minha opinião, consegui planificar atividades motivadoras que geraram o empenho dos discentes. Para além de terem praticado a expressão e interação orais, também exercitaram a expressão escrita, o que penso ser de extrema importância para assimilar conteúdos e concretizar as dramatizações porque “...al escribir previamente lo que después vamos a expresar, obligamos a los aprendices a que sean conscientes del vocabulario y estructuras que necesitan, además les dejamos tiempo para que se fijen en las concordancias y en el orden de los adjetivos y sustantivos y se autoevalúen.” (Aguilar e Simarro, 2008: 898).

Como o trabalho do docente não deve ficar pelo que desenvolve entre as quatro paredes da sala de aula, o núcleo de estágio decidiu realizar uma curta-metragem (Anexo 5) com o objetivo de envolver a comunidade escolar, tornando o processo de ensino/aprendizagem num processo de intercâmbio. Assim, em colaboração com a Biblioteca escolar e, sendo o Agrupamento de Escolas de José Relvas uma Escola a Ler+, procurou-se promover a leitura junto dos alunos contactando com a obra da escritora espanhola Elvira Lindo⁴. Para além disso, foi nosso objetivo promover o contacto com a Língua e Cultura espanholas, bem como melhorar a competência oral em Espanhol. Desta forma, levou-se os alunos a produzirem os sons desta língua corretamente, trabalhando com eles individualmente e extra aula. Creio que esta atividade foi também de muita importância porque se promoveu a inclusão de alunos com maiores dificuldades, não foram apenas os alunos com melhores resultados e que possuem uma melhor competência oral em Espanhol que participaram, mas também aqueles que apresentam alguns problemas. Por exemplo, o aluno que representou o papel de *Manolito* tem um implante auditivo e foi necessário trabalhar com ele intensivamente a produção de sons. Por outro lado, os estudantes tiveram a oportunidade de se rever, o que nem sempre acontece, e trabalhar o erro. Para além do mais, houve um trabalho de colaboração e cooperação entre professores e alunos que permitiu fomentar a tolerância e o respeito. Ainda de referir que para alguns dos alunos foi a primeira experiência numa atividade de dramatização e vendo o seu desempenho acredito que foi uma forma de estimular a sua imaginação e a sua criatividade.

Globalmente, creio que foi uma atividade bastante positiva não só para os discentes com tudo o que foi referido anteriormente, mas também para mim que, como estagiária, aprendi imenso e me permitiu um maior envolvimento na comunidade escolar.

No final da minha lecionação entreguei aos 13 estudantes da turma com que trabalhei um questionário (Anexo 6) para saber o seu parecer acerca das atividades de dramatização. Recolhidos os questionários fiz a sua análise. No que se refere à sua

⁴ Neste projeto trabalhei com o livro da sua autoria *Manolito Gafotas*.

opinião acerca de comunicar/interagir com os colegas em Espanhol, constatei que a maioria referiu que é uma prática de que gosta particularmente. Em relação ao trabalho em grupos e em pares, a maioria aprova a realização das tarefas nestas dinâmicas que, na minha opinião, muitas vezes funcionam também como elemento motivador. Quanto a escrever e dramatizar diálogos, a maioria indicou que são exercícios que apreciam muito realizar, havendo dois alunos que responderam que não são as atividades que mais lhes aprazem. Por vezes senti algum retraimento inicial quando pedia a redação de diálogos, no entanto, penso que consegui contornar a situação abordando os alunos que mais demonstravam desagrado incentivando-os.

Perguntando-lhes se já tinham participado em dramatizações noutras disciplinas ou em peças de teatro, constatei que não é uma prática muito comum, sendo que apenas 4 alunos referiram que participaram algumas vezes nas primeiras e, nas segundas, 7 alunos responderam que nunca tinham participado. Quanto à pergunta se foi do seu agrado participar nas dramatizações da aula de Espanhol, do total, 9 aprovaram com entusiasmo, tendo 4 rapazes respondido que apenas gostaram.

Por fim, questionei-os sobre o que mais ou menos apreciaram em relação às dramatizações, tendo estes respondido que os pontos positivos foram, principalmente, observar o desempenho dos colegas o que, para a maioria, foi muito divertido e gostaram do facto de terem trabalhado em grupo. O que menos lhes aprouve foi terem realizado este género de atividade poucas vezes.

Considero que, não sendo uma prática habitual no meio escolar, tendo sobretudo participado nesses exercícios na aula de Espanhol, no geral, todos têm uma opinião muito positiva em relação às dramatizações, sendo estas atividades que lhes despertam interesse e motivação e que geram participação e empenho.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim deste relatório, é altura de refletir sobre tudo aquilo que aportei das leituras feitas e de todo o trabalho desenvolvido ao longo deste ano letivo. Foi meu objetivo aprofundar o que as atividades de dramatização podem levar às aulas de língua e abordar as suas vantagens, mas também as desvantagens incentivando outros docentes à sua prática visto que esta é uma atividade motivante, lúdica e comunicativa.

Este ano letivo permitiu-me aprofundar os meus conhecimentos sobre este recurso didático e creio que, com este trabalho, consegui que os alunos adquirissem e consolidassem conhecimentos linguísticos e culturais assim como estivessem mais motivados para a aprendizagem da língua espanhola.

Da leitura da diversa bibliografia considero que a competência comunicativa é uma destreza de grande importância que necessita ser bastante trabalhada na sala de aula. Neste contexto, pretendi, com os jogos dramáticos realizados, desenvolver nos alunos o domínio da oralidade visto “[o] contexto linguístico em que vivemos [ser], cada vez mais, multifacetado e espelha[r] marcas do nosso tempo que são a mobilidade, a internacionalização, a globalização e a interculturalidade.” (Muñoz, Araújo e Ceia, 2011: 6). Assim, esta competência hoje em dia tem um grande impacto na formação de cidadãos que no futuro enfrentarão situações pessoais e laborais que lhes exigirão o conhecimento e o domínio de várias línguas.

Por outro lado, quis demonstrar que o professor já não desempenha o papel principal no processo de ensino/aprendizagem, mas deve ser um guia e orientador criando nos discentes, ao longo do seu processo educativo, a autonomia. Dessa forma, o professor deve afastar-se do conceito de aula expositiva, em que debita os conteúdos e o aluno se limita a ouvir e a escrever, e procurar exercícios em que os estudantes sejam implicados e que ocupem um papel central.

Para concluir, creio que as atividades de dramatização potenciam a aprendizagem da língua dando, como referem Muñoz, Araújo e Ceia (2011: 6), “...trunfos cognitivos e competências interpessoais indispensáveis para a criatividade e para a inovação, ambas mais-valias para a competitividade e para o sucesso.” E é isso

que pretendemos que os nossos alunos alcancem. É essencial que estes saiam da escola a saber falar em Língua Espanhola corretamente para que consigam preparar-se para um futuro cada vez mais complexo e competitivo, onde a postura e a comunicação são fundamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, A. (2012). Dramatizar el libro del alumno en el aula de ELE / EL2. *Marcoele Revista de Didáctica de Español como Lengua Extranjera* 14, 1-23 (Disponível em: <http://marcoele.com/descargas/14/aguilardramatizacion.pdf>, consultado pela última vez em 11/06/2014)
- Aguilar, M^a. e Simarro M^a. (2008). Dramatizando la gramática. In A. Barrientos; J. Martín; V. Delgado e M^a. Fernández (eds.). *Actas del XIX Congreso Internacional de ASELE: El profesor de español LE/L2*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 891-901
- Arroyo, C. (2003). *La dramatización y la enseñanza del español como segunda lengua*. Comunidad de Madrid: Consejería de Educación
- Avendaño, F. (2007). Hablar en clase: habla el docente, habla el alumno. *Anales de la Educación Común*, 3(6). Buenos Aires: Dirección General de Cultura y Educación, 132-137
- Baralo, M. (2000). El desarrollo de la expresión oral en el aula de ELE. *Carabela*, 47. Madrid: SGEL, 164-171
- Barroso, C. e Fontecha, M. (1999). La importancia de las dramatizaciones en el aula de ELE: Una propuesta concreta de trabajo en clase. In M. Franco; C. Soler; J. de Cos; M. Rivas e F. Ruiz (eds.). *Actas del X Congreso Internacional de ASELE: Nuevas perspectivas en la enseñanza del español como lengua extranjera*. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, 107-113
- Buescu, H.; Morais, J.; Rocha, M. e Magalhães, V. (2012). *Metas Curriculares de Português – Ensino Básico – 1.º, 2.º e 3.º ciclos*
- Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa
- Del Hoyo, M^a.; Dorrego L. e Ortega, M. (2006). *Propuestas para dinamizar la clase de E/LE: más de 80 juegos y actividades teatrales*. Madrid: Edelsa

- Fuegel, C. e Montoliu, M^a. (2000). *Innovemos el aula. Creatividad, grupo y dramatización*. Barcelona: Octaedro
- Gelabert, M^a.; Bueso, I. e Benítez, P. (2002). *Producción de materiales para la enseñanza de español*. Madrid: Arco Libros
- Giovannini, A.; Martín, E.; Rodríguez, M^a. e Simón, T. (1996). *Profesor en acción, vol. 1,3*. Madrid: Edelsa
- Labrador, M^a. e Morote, P. (2008). El juego en la enseñanza. *Glosas Didácticas*, 17, 71-84
- Ministério da Educação (1991). *Programa de Espanhol e Organização Curricular 3.º ciclo*
- Muñoz, C.; Araújo L. e Ceia C. (2011). *Aprender uma segunda língua*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Nunan, D. (2011). *La enseñanza de lenguas basada en tareas*. Madrid: Edinumen
- Pinilla, R. (2008). La expresión oral. In J. Sánchez e I. Santos (dirs.). *Vademécum para la formación de profesores - Enseñar Español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 879-895
- Prieto, M^a (2007). La dramatización: una técnica lúdica de aprendizaje. *Boletín de ASELE*, 36, Málaga: Imagraf, 11-25
- Reis, C.; Dias, A.; Cabral A.; Silva E. et al. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
- Sánchez, A. (2004). *Enseñanza y aprendizaje en la clase de idiomas*. Madrid: SGEL

ANEXOS

ANEXO 1

Escola E.B 2,3/S de José Relvas – Alpiarça

Español Iniciación – 8º A

Curso: 2013/2014

Profesora: Margarida Gaspar

Grupo: 8º A

Manual adoptado: Mañana A2

Tiempo de Clase: 45 minutos

Fecha: 22 de enero de 2014

Tema de la Unidad Didáctica: Artículos de prensa: la noticia y la entrevista

Competencias específicas:

- ❖ **comunicativas:** - Activar el lenguaje corporal;
- ❖ **léxicas:** - Identificar vocabulario sobre diferentes estados de ánimo;
- ❖ **actitudinales:** - Participar activamente en todas las actividades;
- Tomar partido de todas las situaciones para expresarse en español;
- Respetar la opinión del otro;
- ❖ **metodológicas:** - Practicar la expresión oral a través de la dramatización;
- Estimular al alumno para que se exprese en español;

Contenidos:

- ❖ **funcionales:** - Expresar satisfacción, tristeza, sorpresa, desinterés, duda y desagrado;

Materiales:

- ❖ Pizarra;
- ❖ Cuaderno Individual.

Tipos de trabajo:

- ❖ Individual
- ❖ Parejas

Resumen: Dramatización de noticias.

Tipo de Actividades	Descripción de Actividades	Materiales	Tipo de trabajo	Tiempo
Presentación / Introducción / Práctica pretextual: - Repaso oral de la clase anterior.	-La profesora pregunta a los alumnos qué han hecho la clase anterior.		- A-P	-2m
Práctica Controlada: - Dramatización de noticias creadas en la clase anterior. -Diálogo sobre las reacciones ante las noticias. -Representación de varios estados de ánimo.	- Cada pareja va a presentar al grupo la noticia que ha escrito. -Se pregunta a los alumnos cómo reaccionarían ante noticias sobre varios temas. -La profesora pide a algunos alumnos que a través de gestos representen varios estados de ánimo. Los compañeros tienen que adivinar y completar la ficha con expresiones de satisfacción, tristeza, duda... que la profesora les ha entregado.	-Ficha de trabajo.	-A-P -A/P -A-P	- 25m -3m -15m

Leyenda:

A/I – Alumnos – Trabajo Individual

A/P - Alumnos – Trabajo Parejas

A/G - Alumnos – Trabajo Grupo

P – Trabajo centralizado en el Profesor

P-A- Trabajo de turma: Profesor-Alumnos

A-P - Trabajo de turma: Alumnos-Profesor

ANEXO 2

Escola E.B 2,3/S de José Relvas – Alpiarça

Español Iniciación – 8º A

Curso: 2013/2014

Profesora: Margarida Gaspar

Grupo: 8º A

Manual adoptado: Mañana A2

Tiempo de Clase: 45 minutos

Fecha: 29 de enero de 2014

Tema de la Unidad Didáctica: Artículos de prensa: la noticia y la entrevista

Competencias específicas:

- ❖ **comunicativas:** - Activar estrategias para iniciar y concluir una entrevista;
- ❖ **socioculturales/interculturales:** - Reconocer a famosos españoles;
- ❖ **actitudinales:** - Participar activamente en todas las actividades;
- Tomar partido de todas las situaciones para expresarse en español;
- Respetar la opinión del otro;
- ❖ **metodológicas:** - Practicar la expresión oral a través de la dramatización;
- Estimular al alumno para que se exprese en español;
- Utilizar estrategias para expresarse en público.

Contenidos:

- ❖ **funcionales:** - Iniciar una conversación;
- Concluir una conversación;
- ❖ **socioculturales:** -Famosos españoles.

Materiales:

- ❖ Ordenador;
- ❖ Proyector.

Tipos de trabajo:

- ❖ Parejas

Resumen: Dramatización de las entrevistas realizadas en la clase anterior.

ANEXO 3

Escola E.B 2,3/S de José Relvas – Alpiarça

Español Iniciación – 8º A

Curso: 2013/2014

Profesora: Margarida Gaspar

Grupo: 8º A

Manual adoptado: Mañana A2

Tiempo de Clase: 90 minutos

Fecha: 11 de marzo de 2014

Tema de la Unidad Didáctica: Conocer a una ciudad

Competencias específicas:

- ❖ **comunicativas:** - Dominar estrategias para pedir información;
- Ser capaz de dar indicaciones espaciales;
- Activar estrategias para iniciar y concluir un diálogo;
- ❖ **léxicas:** - Reconocer vocabulario relacionado con las direcciones y la ubicación;
- ❖ **gramaticales:** - Saber utilizar el imperativo afirmativo y el negativo;
- ❖ **socioculturales/interculturales:** - Reconocer monumentos y espacios de Barcelona;
- ❖ **actitudinales:** - Participar activamente en todas las actividades;
- Tomar partido de todas las situaciones para expresarse en español;
- Respetar la opinión del otro;
- ❖ **metodológicas:** - Estimular al alumno para que se exprese y escriba en español;
- Practicar la expresión oral a través de la dramatización;
- Utilizar estrategias para expresarse en público.

Contenidos:

- ❖ **léxicos:** - Vocabulario relacionado con las direcciones y la ubicación;
- ❖ **gramaticales:** - El imperativo afirmativo y negativo;
- ❖ **socioculturales:** - Ciudad de Barcelona;
- ❖ **funcionales:** - Expresiones para pedir información.

Materiales: <ul style="list-style-type: none"> ❖ Pizarra; ❖ Cuaderno Individual; ❖ Ordenador; ❖ Proyector.
Tipos de trabajo: <ul style="list-style-type: none"> ❖ Individual ❖ Parejas
Resumen: Expresiones para pedir información. Redacción y dramatización de diálogos.

Tipo de Actividades	Descripción de Actividades	Materiales	Tipo de trabajo	Tiempo
Resumen	- Para esta tarea la profesora elige un alumno que escribe el resumen en la pizarra. Al final, los otros tendrán que corregir los errores.	- Pizarra; - Cuaderno individual.	- P/A - A/A	- 5m
Presentación / Introducción / Práctica pretextual: - Resumen de la clase anterior.	- Se pide a los alumnos que digan qué trabajaron la clase anterior.		- P/A	- 5m
Práctica Controlada: - Presentación de un “power point” con expresiones para pedir información. ¹ - Redacción de un diálogo entre un transeúnte y un visitante.	- Se pregunta a los alumnos si saben qué expresiones se utilizan para pedir información. Luego se les presenta un “power point” con algunas expresiones. - A continuación, la profesora les pedirá que redacten un diálogo	-Ordenador; -Proyector; -Cuaderno individual.	-P-A	-5m

	entre un visitante y un transeúnte donde este va a dar indicaciones al otro y para ayudarlos proyecta un mapa de Barcelona. La profesora les dará las instrucciones necesarias.		-A/P	-30m
Práctica Semilibre: - Dramatización/Interacción de los diálogos creados.	- Cada pareja va a presentar al grupo el diálogo que ha escrito. Uno va a representar al visitante y otro al transeúnte. Cada alumno que sea el transeúnte tendrá que representar una situación específica, por ejemplo, estar cansadísimo o estar durmiendo. Cuando cada pareja termine su presentación, los alumnos, oralmente, van a evaluar el trabajo de sus compañeros y, al final, elegir la mejor dramatización.		-A/P	-45m

Observaciones: 1. Si el ordenador no funciona, la profesora escribirá las expresiones para pedir información en la pizarra.

Leyenda:

A/I – Alumnos – Trabajo Individual

A/P - Alumnos – Trabajo Parejas

A/G - Alumnos – Trabajo Grupo

P – Trabajo centralizado en el Profesor

P-A- Trabajo de turma: Profesor-Alumnos

A-P - Trabajo de turma: Alumnos-Profesor

ANEXO 4

Escola E.B 2,3/S de José Relvas – Alpiarça

Español Iniciación – 8º A

Curso: 2013/2014

Profesora: Margarida Gaspar

Grupo: 8º A

Manual adoptado: Mañana A2

Tiempo de Clase: 45 minutos

Fecha: 14 de mayo de 2014

Tema de la Unidad Didáctica: ¿Vamos al cine?

Competencias específicas:

- ❖ **comunicativas:** - Activar estrategias para participar en un diálogo;
- ❖ **actitudinales:** - Participar activamente en todas las actividades;
- Tomar partido de todas las situaciones para expresarse en español;
- Respetar la opinión del otro;
- ❖ **metodológicas:** - Practicar la expresión oral a través de la dramatización;
- Estimular al alumno para que se exprese en español;
- Ser capaz de trabajar en grupo;
- Utilizar estrategias para expresarse en público;
- Promover la auto y heteroevaluación.

Contenidos:

- ❖ **funcionales:** - Iniciar una conversación;
- Concluir una conversación;

Tipos de trabajo:

- ❖ Grupo.

Resumen: Dramatización del diálogo redactado en la clase anterior.

Tipo de Actividades	Descripción de Actividades	Materiales	Tipo de trabajo	Tiempo
Presentación / Introducción / Práctica pretextual: - Explicación de la actividad.	-La profesora distribuirá una ficha de auto y heteroevaluación que los alumnos tendrán que rellenar después de la presentación de sus compañeros. Luego les explicará la actividad siguiente.	-Ficha de auto y heteroevaluación	-P	-5m
Práctica Semilibre: - Dramatización/Interacción de los diálogos creados.	- Cada grupo va a representar su diálogo a los compañeros. Al final tendrán que evaluar su presentación y la de sus compañeros.		-A/G	- 40m

Leyenda:

A/I – Alumnos – Trabajo Individual

A/P - Alumnos – Trabajo Parejas

A/G - Alumnos – Trabajo Grupo

P – Trabajo centralizado en el Profesor

P-A- Trabajo de turma: Profesor-Alumnos

A-P - Trabajo de turma: Alumnos-Profesor



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Dramatização de uma adaptação da obra “Manolito Gafotas”

Fevereiro de 2014

Descrição do projeto:

“Manolito Gafotas” é uma obra que narra a história de um rapaz e da sua família que vive no bairro madrileno de Carabanchel Alto. Esta narrativa destaca as características de personagens típicos da sociedade espanhola descrevendo a vida de um grupo de pessoas de um bairro sem muitos luxos no ano de 1994.

Serão representadas pelos discentes pequenas cenas adaptadas como a apresentação do bairro onde vive Manolito, a leitura da sua redação na escola, a chegada do pai, o momento em que se perde deste quando vai com ele durante as férias e, por fim, o momento em que é encontrado pelos pais e canta a canção de Joselito “La campanera”.

Durante as cenas, vamos ouvindo algumas reflexões do personagem principal.

Para a realização desta curta-metragem serão selecionados alunos das turmas de Espanhol para representar as várias personagens que entram nas várias cenas que serão filmadas no espaço da escola. Serão enviadas aos encarregados de educação autorizações para que estes permitam a participação dos seus educandos neste trabalho, bem como a divulgação das suas imagens em espaços online.

Conteúdos:

- Promoção do contacto com a Língua e Cultura espanholas;
- Melhoria da competência oral em Espanhol através da atividade de dramatização;
- Contacto com a obra da escritora espanhola Elvira Lindo;

Objetivos:

- Expressar-se oralmente em Língua Espanhola;
- Fomentar valores como a tolerância e o respeito entre alunos e professores;
- Estimular a imaginação e a criatividade;
- Promover o intercâmbio na comunidade escolar;
- Sensibilizar os alunos para a Língua Espanhola;

Intervenientes: Alunos das turmas de Espanhol.

Dinamizadores: Núcleo de Estágio de Espanhol – 2013/2014.

Colaboradores: Biblioteca Escolar.

Professores participantes: Isabel Costa e Rute Marques.

Organização do trabalho:

Local de realização: Escola EB 2,3/S de José Relvas – Alpiarça.

Temporalização: 21 de fevereiro: Cena I (Bairro);
26 de fevereiro: Cena II (Escola);
28 de fevereiro: Cena III (Férias com o pai).

Idades dos alunos: entre 12 e 16 anos (3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário).

Coordenação com outras áreas: Espanhol, Educação Moral e Religiosa Católica e Educação Musical.

Recursos tecnológicos utilizados: computador e câmara de filmar.

Resultados ou produtos esperados:

- Apresentação da curta-metragem à comunidade escolar;
- Partilha de informação cultural sobre diversos temas;
- Fomento do trabalho de colaboração e cooperação entre todos;

- Publicação da curta-metragem nos meios de comunicação.

Avaliação:

Pretende-se avaliar os alunos de forma contínua utilizando a construção de um diário do projeto. Este diário será produzido através da criação de um blog onde serão colocadas fotografias e comentários acerca do trabalho efetuado ao longo da realização da curta-metragem. Com uma periodicidade acordada, propõe-se aos alunos o preenchimento de questionários sobre o projeto e mediante as suas respostas melhorar o trabalho desenvolvido.

Difusão dos resultados:

Procurar-se-á fazer a divulgação da apresentação da curta-metragem junto da comunidade escolar para que os encarregados de educação possam ver o trabalho realizado pelos seus educandos.

Publicação no Youtube da curta-metragem “Manolito Gafotas”

https://www.youtube.com/watch?v=38OA6kvrK_s&feature=youtu.be



Blog sobre a realização da curta-metragem “Manolito Gafotas”

<http://manolitogafotasalpiarca.blogspot.pt/>



ANEXO 6

Este questionário é realizado no âmbito do projeto de Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário ou de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário

As respostas serão utilizadas apenas na redação do relatório de estágio.

Idade: _____

Sexo: M ☐ / F ☐

Questionário:

1. Escolhe de 1 a 5 o que melhor te descreve como aluno, neste caso da disciplina de Espanhol. Marca com um **X** a tua resposta da seguinte forma:

1 nada 2 pouco 3 mais ou menos 4 bastante 5 muito

	1	2	3	4	5
- Gosto de comunicar / interagir com os meus colegas em Espanhol nas aulas.					
- Gosto de comunicar / interagir com o professor em Espanhol.					
- Gosto de trabalhar a pares na aula.					
- Gosto de trabalhar em grupo na aula.					
- Gosto de escrever diálogos nas aulas de Espanhol.					
- Gosto de dramatizar diálogos.					

2. Marca com um **X** a tua resposta da seguinte forma:

1 nunca 2 poucas vezes 3 algumas vezes 4 muitas vezes

	1	2	3	4
- Já participei em pequenas dramatizações noutras disciplinas ou fora da escola.				
- Já participei em peças de teatro (em contexto escolar ou noutro diferente).				

1 não gostei 2 gostei um pouco 3 gostei 4 gostei muito

	1	2	3	4
- Participar em pequenas dramatizações na aula de Espanhol.				
- Participar em pequenas dramatizações noutras aulas.				
- Participar em peças de teatro.				

3. Indica, em relação às dramatizações realizadas na aula de Espanhol, o que mais e o que menos gostaste.

O que mais gostei.	O que menos gostei.

Obrigada pela tua colaboração.

Margarida Gaspar